

APRESENTAÇÃO

NÃO TEM JEITO, TEM SÓ UM JEITO

Este livro acontece em um cruzamento: mais de 35 anos de trabalho no Serviço de Psicologia Escolar (SePE) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), sendo 24 deles como psicóloga, funcionária técnico-administrativa e, depois, desde 2010, como docente do IPUSP; a animação em relação ao uso da estratégia de escrita endereçada que vínhamos desenvolvendo em trabalhos de formação com equipes de profissionais atendidas pelo SePe em uma modalidade denominada Plantão Institucional; a possibilidade de configurar uma pesquisa apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)¹ que contribuísse na investigação dessa estratégia; e a vontade de prestar o concurso de livre-docência na USP como uma oportunidade de, como disse José Sérgio Fonseca na banca do concurso², “dar forma ao caos que vivemos e considerar a trajetória profissional na sua singularidade”.

A tese para o concurso de livre-docência foi escrita no ano de 2019 e início de 2020, período em que as políticas presidencial e de governo tiveram, como diretrizes, a segregação, a discriminação e a opressão. A necessidade de isolamento social por causa da pandemia pelo covid-19 adiou o concurso – ele teria sido presencial (em junho de

1 Pesquisa intitulada *O uso de narrativas como estratégia de formação na interface entre psicologia e educação*, processo 2018/26101-1.

2 Nesta apresentação, utilizarei algumas considerações formuladas nas arguições. A banca do concurso foi composta por: Gastão Wagner de Sousa Campos (Unicamp); Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ); Ianni Regia Scarcelli (USP); José Sérgio Fonseca de Carvalho (USP) e Maria Luisa Sandoval Schmidt (USP). As arguições das três professoras e dos dois professores contribuíram intensamente para qualificar o trabalho.

2020) e ocorreu, de forma remota, um ano e meio depois, em novembro de 2021: período de descaso do governo em relação à existência do vírus e produção de morte. Quanto ao concurso, um tempo de espera; quanto ao trabalho e à vida, tempo de esforços na insistência do viver.

Do final do concurso para cá, ganhou contorno a construção deste livro intitulado *Quando a escrita toca a produção institucional*, em que pudemos nos debruçar, com tempo, em cada frase, palavra e nas reflexões provocadas pelas arguições.

O livro evidencia uma experiência contornada em uma espécie de *zoom* (presente na sequência dos títulos apresentados no sumário): há a vida universitária, ela é cenário da história do *Serviço de Psicologia Escolar do IPUSP*³; há a invenção do *Plantão Institucional*; há análises sobre o que as equipes trazem em relação à *construção política e institucional da experiência-sem-saída*. O *zoom*, ao expressar uma direção linear em que as coisas abarcariam as outras em sua totalidade, poderia refletir uma lógica determinista e imobilizadora no que se apresenta como sem-saída. Mas, em cada platô discutido (a universidade, o Serviço, o Plantão Institucional e a experiência sem-saída), enfatizou-se o constante processo de sua própria produção, as conexões imprevistas que geram derivas, a força de indeterminação na construção da vida e a ruptura com a linearidade dos acontecimentos ao acessar a complexa trama em que as situações relatadas pelas equipes se materializam. Como enunciou Maria Luisa Schmidt, as minúcias e os detalhes têm potência transformadora e serão foco na estratégia da escrita endereçada.

Em nosso trabalho com as equipes atendidas no Plantão Institucional, há relatos dos efeitos nefastos da avalanche neoliberal, empresarial e competitiva que precariza as condições de trabalho, minando os campos da saúde, da educação, da assistência social e da justiça.

A Universidade de São Paulo trafega, assim como essas equipes, nesses processos: falta de profissionais, organização e controle do trabalho que impedem autonomia, critérios de avaliação que consomem corpos e mentes e uma “racionalidade que tem sido devoradora de modos de subjetivação”, como apontou Heliana Conde. Essa racionalidade, isso pretende: devorar. Pretensão contínua, pois, também continuamente, há algo que impede a totalização desse projeto e que insiste nas brechas que se formalizam nas políticas de ações afirmativas, nas salas de aula, nos projetos de pesquisa, nos trabalhos de extensão, na escritura das palavras. A extensão universitária realiza a função pública da universidade, é seu sentido. Levá-la ao seu limite máximo, como indicou Gastão Wagner, é tratá-la como experiência de igualdade e de abertura para rachar os automatismos dessa avalanche na universidade. Isso será tematizado ao longo do livro e, ao final, serão tecidas *considerações* sobre as atividades de extensão.

A construção da *experiência-sem-saída* é foco no trabalho realizado pelo Plantão Institucional. A proposta de um tempo-espço para diálogo entre equipes (a equipe que nos procura e a equipe do Serviço de Psicologia Escolar) tem como objetivo algo que não é novo e nem haveria de ser: acessar a produção pública, política e institucional dos problemas relatados, dos sofrimentos vividos e das amarras que se apresentam

3 As palavras em itálico dão pistas dos capítulos em que as discussões se encontram.

no cotidiano do trabalho, intensificando a autonomia e a força das equipes. Os grupos, como dispositivos de trabalho, visam a enfrentar a lógica de pensamento que tende ao imobilismo. Nesse trabalho *institucional*, a *força grupal insiste*. **Não se sai disso sozinho(a).**

Mostraremos – assim Maria Luisa Schmidt escreveu tão precisamente no prefácio: trata-se de uma “**mostração**”, mais do que uma demonstração – esforços no trabalho do Plantão Institucional para romper com lugares fixos atribuídos pela máquina burocratizadora; o exercício da escrita endereçada se soma a eles. Para isso funcionar, há de haver rigor e leveza, tempo para reflexão e circulação da palavra.

A construção do exercício da escrita endereçada no trabalho com as equipes é gesto micropolítico de fortalecimento grupal e, portanto, trata o *escrever como ação no mundo*, como ato. Esse exercício não se reporta a uma técnica que, uma vez aplicada, resolveria os problemas trazidos pelas equipes. Refere-se, sim, a uma ocasião de ampliar a circulação da palavra e dar espessura a forças minoritárias, tensionando, assim, aquilo que impede pensar: a hierarquização dos saberes e a naturalização das práticas. Desenvolver a ampliação da circulação da palavra no procedimento refere-se ao *objetivo no método* e, por isso, demos relevo às variações no/do procedimento ao apresentarmos *o exercício de escrita endereçada*.

A escrita endereçada como forma de tensionar a cristalização de lugares previamente estabelecidos é convite à dramaturgia de abertura de possíveis e à emancipação de uma lógica produtivista e linear do tempo. Anunciamos na *Introdução*: a matéria-prima deste trabalho é o tempo. E, como afirmou José Sergio Fonseca, o tempo da reflexão não é o tempo do produtivismo.

Tudo isso, e só isso, o que não é pouco: uma ocasião para complexificar o vivido ampliando as possibilidades de nele agir. Os trabalhos de extensão universitária, as práticas do Serviço de Psicologia Escolar, o Plantão Institucional e o exercício de escrita endereçada são esforços que, **não tem jeito, só tem um jeito**; dependem da partilha, da proeminência e circulação da palavra, da experiência de igualdade, da força da grupalidade, da coragem do estranhamento e de tempo comum.

